



Alejandro e seus discursos¹

Flávio Luis Patrício MEIRELES²

Victor LOPES³

Netília SEIXAS⁴

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Vertentes da indústria fonográfica, os videocliques se tornaram uma das principais formas de vitrine dos artistas. Contudo, muito mais do que um simples produto musical, os cliques, atualmente, se transformaram em grandes elementos de discussão sobre temas tabus da nossa sociedade. Neste estudo, analisaremos quais estratégias enunciativas a cantora estadunidense Lady Gaga usa para veicular mensagens, apologéticas e críticas, no clipe da música *Alejandro*. Conglomerando enunciados que possuem certa relação, consideraremos os três principais discursos presentes no vídeo, o militar, o religioso e o homossexual, como grande enfoque desta análise.

PALAVRAS-CHAVE: análise; discurso; videoclipe; Lady Gaga; audiovisual.

INTRODUÇÃO

Apesar de ser difícil precisar o primeiro clipe veiculado nas mídias, pode-se dizer que os Beatles foram os pioneiros a mesclar cinema e música num só produto. Sem ainda todas as finalidades que têm hoje, os videocliques eram, naquela época, apenas um dos tentáculos do ramo musical que serviam para destacar o nome e o trabalho do artista. Atualmente, esses materiais possuem uma confluência de sentidos que ultrapassa as fronteiras da indústria da música para incitar discussões sérias acerca de assuntos delicados da sociedade.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Aluno líder do trabalho e estudante do 3º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFPA, email: flaviolpmeireles@hotmail.com

³ Estudante do 3º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFPA, email: victorlopes90@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Comunicação Social da UFPA, email: netilia.aula@gmail.com



É justamente por haver essa nova roupagem que nos dispomos a analisar o clipe em questão. Os modos como Lady Gaga cria determinadas estratégias para construir ou desconstruir valores será a vertente que este trabalho pretende mostrar. Desse modo, o uso de conceitos expostos em obras de analistas de discurso como Sírio Possenti, Dominique Maingueneau, Eliseo Verón, além de outros autores como Diana de Barros e Rosa Maria Fisher, serão utilizados como forma de ratificar a ocorrência de teorias relacionadas a este campo, especificamente, no nosso objeto de estudo.

Assim, entender o porquê da escolha coreográfica, dos bailarinos, dos figurinos e do uso de objetos simbolicamente convencionados pela sociedade como pertencentes de determinadas instituições também serão levados em consideração, já que é o conjunto de todos esses fatores que suscita toda a carga de significado existente em *Alejandro*.

Tentar transformar assuntos de interesse-público em interesse do público usando o poder de entretenimento da música é o mais novo caminho desses tipos de vídeos. Mas, antes disso, é importante ressaltar que por ser um material comunicativo, os clipes possuem uma carga informativa que pode ultrapassar o domínio do próprio enunciador. Desse modo, a descoberta de novos discursos em um clipe pode ser possível, se considerarmos que comunicação e informação estabelecem uma relação mútua.

A construção da enunciação de um vídeo musical depende não somente do aparato audiovisual, mas também de todo campo verbal necessário para a compreensão completa. Lúcia Santaella afirma, em seu livro *Cultura das Mídias*, que

Uma mesma mensagem é composta na sincronia de vários sistemas signícos, nas misturas do verbal e não verbal. Isso tende a aumentar a imponderabilidade da informação transmitida e a diminuir a possibilidade de controle do emissor sobre aquilo que os receptores poderão porventura captar como informação na mensagem. (SANTAELLA, 1996, p. 34)

Assim como pode haver informações não ponderadas pelo emissor, pode haver casos em que as informações emitidas voluntariamente não se tornem passíveis de serem entendidas por todos. As estratégias enunciativas são utilizadas com a finalidade de explicitar ou linearizar a relação entre emissor-receptor. Portanto "o discurso se constrói, com efeito, em função de uma finalidade, devendo, supostamente, dirigir-se para um lugar. Mas ele pode se desviar em seu curso, retomar sua direção inicial, mudar de direção etc." (MAINGUENEAU, 2001, p. 53). A imponderabilidade torna,

por conseguinte, a compreensão do contexto um fator de extrema importância para qualquer análise de um produto comunicacional.

CONTESTANDO O CONTEXTO

Devemos levar em consideração o fato de que não existe discurso que não seja contextualizado, ou seja, não há a possibilidade de atribuir um sentido a um enunciado fora da sua conjuntura. Tanto no estudo dos signos (Semiótica) como em análises de discurso a compreensão da conjuntura, seja ela política ou social, é indispensável para que a análise possa ser efetivada com êxito.

Sem conhecer a história de um sistema de signos e do contexto sociocultural em que ele se situa, não se pode detectar as marcas que o contexto deixa na mensagem. Se o repertório de informações do receptor é muito baixo, a semiótica não pode realizar para esse receptor o milagre de fazê-lo produzir interpretantes que vão além do senso comum. (SANTAELLA, 2002, p. 6)

Logo, não há como analisar o clipe *Alejandro* sem levar em consideração o contexto social existente. Deve-se atentar à luta dos homossexuais por direitos igualitários e a toda movimentação acerca de preconceitos ainda entranhados na sociedade, sobretudo nas instituições de cariz conservador; deve atentar também ao lugar de fala⁵ da cantora como elemento fundamental para a produção do videoclipe. Quem não sabe o histórico de Lady Gaga, quem não sabe quem lhe pôs na fama, quais suas convicções, para quem sua música é destinada e, sobretudo, por quem e pelo que ela luta, talvez não perceba as enunciações centrais de suas canções. Além de ser necessário entender o contexto de divulgação das músicas, é indispensável que conheçamos, também, quem canta e por que canta.

Quem discursa

Stefani Germanotta, mais conhecida pelo seu nome artístico de Lady Gaga, apareceu para o grande público em 2008, quando fez sua primeira performance televisionada no Miss Universo, cantando *Just Dance*. Desde então, a sua figura vem ganhando relevância no campo midiático gradativamente. A imagem de polêmica, original, excêntrica, sensual e feminista construída pela imprensa é reforçada por vários

⁵ Termo utilizado por Eliseo Verón (2005) ao discorrer sobre a relação daquele que fala ao que ele diz.

elementos discursivos proveniente de diversas entidades discursivas⁶.

Apesar de ter sido considerada a renovação da música pop, a cantora traz em seus clipes, especificamente em *Alejandro*, vários elementos que estão presentes em produtos da videografia da Madonna. São nos princípios da intertextualidade bakhtiniana usados por Diana de Barros (BARROS e FIORIN, 1994, p.4) que podemos explicar este fato. Ela afirma que a intertextualidade é interna às vozes presentes no discurso que falam e polemizam, assim reproduzindo o diálogo entre outros textos.



Figura 1 O efeito “escala de cinza” evidencia as semelhanças dos clipes de Madonna (esq.) e Lady Gaga (dir.).

Lady Gaga, por exemplo, faz uso de figurinos e de coreografias semelhantes ao clipe *Vogue* (Figura 1), de Madonna. Além disso, elementos relacionados à religião Católica que Madonna usou em *Like a Prayer* (Figura 2) também podem ser percebidos em *Alejandro*.



Figura 2 As cantoras usam elementos religiosos na composição dos clipes.

⁶ Termo utilizado por Eliseo Verón ao ressaltar que um emissor poderá, em discursos diferentes, construir enunciadores diferentes. Isso vale também para relação receptor/destinatário.

Esses exemplos corroboram a idéia de que Lady Gaga levou em conta os enunciados de outrem para formular o seu. Reforça, assim, a idéia do “já dito”, sobre o qual qualquer discurso se constrói.

Os gays e a gaga

A defesa pelos direitos homossexuais é assunto recorrente em várias falas da cantora. O exemplo mais evidente desta afirmação é o discurso feito por ela na Parada do Orgulho Gay de Los Angeles em outubro de 2009, na qual ela faz um discurso a favor da comunidade GLBT estadunidense.

A cantora representou, com esta preleção, todo um movimento de defesa e luta dos direitos dos homossexuais. Portanto Lady Gaga está muito aquém de ser verdadeiramente a real emissora desse discurso. Quem fala de fato, ali, é uma ideologia que ultrapassa a dimensão física do indivíduo.

O que diz se perde no tempo, tudo já foi dito. Neste lugar volta a idéia segundo a qual o sujeito significa ser assujeitado, isto é, pensar que se é livre quando de fato se está inserido numa ideologia, numa instituição da qual somos apenas porta-vozes. Você não fala, é um discurso anterior que fala através de você. (POSSENTI, 1994, p.11)

É a contestação das causas pró-homossexuais, é a ação contra quebra de todos os tipos de preconceitos, e, sobretudo, a manifestação dos gays para estabelecerem seu lugar na sociedade que está falando. Lady Gaga é tão-somente uma enunciativa desses discursos.

Assim, para a composição do videoclipe, a cantora utiliza estratégias enunciativas que visam à homenagem ao público homossexual que, segundo ela, é o maior responsável pelo seu sucesso.

Apesar de nossa análise se restringir apenas ao clipe *Alejandro*, o histórico de discursos apologéticos sobre homossexualidade em outros clipes de Lady Gaga (como *Love Game* e *Telephone*) é um sinal que a cantora não faz de suas músicas somente um produto da indústria musical. Seus vídeos, que ultimamente não vêm se limitando ao tempo das músicas, são sempre carregados de mensagens voltadas não somente ao público gay. Há alguns discursos críticos que podem ser observados, como a desvalorização da mulher (em *Bad Romance*) e o efeito das mídias na vida dos artistas (em *Paparazzi*).

Desse modo, além de aspectos bizarros comumente vistos em seus clipes, o levante de discussões acerca de temas polêmicos da sociedade se tornou mais uma característica indispensável em seus vídeos.

ENFIM, *ALEJANDRO*

O videoclipe *Alejandro* foi, sem dúvida, um dos mais aguardados da cantora. Esse produto audiovisual tinha a proposta de continuar a história do clipe anterior – *Telephone* - que tinha sido um dos maiores sucessos de Lady Gaga. A boa aceitação do trabalho anterior pelo público fez com que o lançamento da versão em vídeo do novo *single* fosse cheia de mistério. Uma grande expectativa foi criada em torno do novo trabalho e os *teasers* geravam cada vez mais a curiosidade dos fãs.

No dia 07 de junho de 2010 o clipe é finalmente lançado. O curta-metragem com mais de 8 minutos foi assistido 3.286.897 vezes no site de vídeos *YouTube* só no primeiro dia. Com cores sombrias, logo se nota que Lady Gaga não apresentará o que vem fazendo em produções passadas. A música não é tão agitada, e os figurinos bizarros quase não aparecem. As mudanças nos elementos que naturalmente já compunham as produções da cantora parecem vir para anunciar um assunto sério, que precisa de uma atenção especial.

É assim que *Alejandro* se constrói. Com modalidades de dizer muito bem pensadas para articular a temática central e para modelar quais discursos seguirão com um cariz crítico ou apologético. Lady Gaga nesse videoclipe usa, por diversas vezes, elementos convencionados pela sociedade como símbolos de representação de instituições. Esses símbolos contribuem para formular a estratégia enunciativa necessária que motiva o espectador a seguir uma determinada vertente e fazê-lo entender quais as mensagens críticas que existem e o porquê de elas existirem.

Partindo dessas afirmações, a nossa análise estará focada em três principais discursos. Ainda que não sejam hierarquizáveis, os discursos militar e religioso serão mostrados pela cantora com um tom de crítica, e é a partir dessa crítica que o discurso apologético

da homossexualidade se constrói. Os três juntos, portanto, legitimam a razão da produção do videoclipe.

DISCURSO MILITAR

Em menos de dez segundos de clipe, ainda sem aparecer a cantora, já se pode notar que o discurso militar estará presente. Militares vestidos com meias-calças e usando sapatos de salto alto (Figura 3) evidenciam, desde já, que há uma crítica a essa instituição de poder.

Por não haver enunciado que não esteja apoiado em um conjunto de signos (FISHER, 2001), Lady Gaga ao misturar símbolos, convencionadamente, da natureza feminina com elementos típicos dos “homens de farda” contribui para formar uma enunciação reflexiva que fala sobre a existência de casos homossexuais em locais naturalmente conservadores.



Figura 3

Para isso, um “grupo individualizável de enunciados” (FOUCAULT, 1986 apud FISHER, 2001) formulado tanto pela cantora, quanto pelo diretor do vídeo, Steven Klein, foi criado para definir quais discursos seriam passíveis de serem entendidos no clipe

Descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. O que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma certa formação discursiva. (FISHER, 2001)

Dentre alguns artifícios utilizados por Lady Gaga para corroborar o que foi escrito acima, pode-se destacar o conjunto de bailarinos presentes no videoclipe. Ao contrário do que já foi visto em outras produções da cantora, somente homens participam do conjunto coreográfico (Figura 4). E apesar de ser um conjunto masculino, a coreografia, com exceção das marchas militares, nos remete a uma dança sensual que não é tipicamente usada por homens. Sobretudo por homens integrantes de instituições militares.



Figura 4

No início do vídeo, a cantora aparece como uma rainha (ou qualquer outra denominação do gênero) que vigia atentamente seus subordinados. Portanto, a hierarquização presente na estrutura de poder dos militares acaba sendo referida. Lady Gaga assume uma postura superior e presentifica a idéia do autoridade. No decorrer do clipe, pode-se notar que a personagem em questão acredita ter domínio sobre os homens.

É a partir desse discurso que podemos perceber o momento inicial do clipe: Lady Gaga quer o amor de *Alejandro*, *Fernando* e *Roberto* a todo custo, por isso usa o poder simbólico do sistema hierárquico para ratificar seus atos de dominação e posse. É importante ressaltar aqui que, mesmo sendo citados constantemente na letra da música, os três nomes ditos acima não possuem personagens fixos, destarte, representam todos os homens presentes no clipe, quiçá, os homens da sociedade em geral.

Pode, aí, também, levar em consideração o efeito mostrado pela demonstração do poder (imaginário ou não) que as mulheres têm sobre os homens.

O discurso militar, portanto, entra no clipe como forma de exemplificar o poder hierárquico existente na nossa sociedade. Além, claro, de Lady Gaga construí-lo sob

um olhar crítico ao explicitar ou intencionar casos homossexuais existentes nessas instituições.

DISCURSO RELIGIOSO

Assim como o militar, o discurso religioso também está apresentado de maneira crítica e contribui para construção da mensagem central do videoclipe. Ainda fazendo o uso de símbolos, Lady Gaga aposta em artefatos da Igreja Católica para chocar o espectador e para reafirmar a existência de homossexuais nas esferas mais conservadoras da sociedade.

Esse discurso aparece somente no decorrer do clipe quando Lady Gaga finalmente percebe que lutar por um amor de homossexual seria em vão. Depois de ter usado o poder que detinha (exemplificado no discurso militar) para forçá-los a ter alguma relação, a cantora não vê outro caminho que não seja sua rendição à religião.

Uma cena que pode ser considerada relevante é quando a cantora aparece em uma sala preta deitada sob a vigilância um soldado. Ambos estão amarrados com cordas, assemelhando-se a marionetes. Lady Gaga, por sua vez, vestindo um hábito vermelho e segurando um terço, pronuncia o trecho da música “Stop, please! Just let me go, Alejandro! Just let me go...”⁷ como se fosse uma oração ou um pedido de clemência, que denota não só um pedido da protagonista para se livrar desse sentimento, como também o desejo de muitos homossexuais que crêem na religião para se livrarem da vontade de envolver-se de forma carnal/romântica com pessoas do mesmo sexo.

A parte mais emblemática do clipe é a sequência que Lady Gaga aparece rodeada por soldados dançarinos e logo em seguida engolindo o terço (Figura 5) que segurava na cena anterior. Nesse ato, pode-se perceber uma crítica ao adotarmos que Lady Gaga esteja simbolizando o comportamento da Igreja Católica em determinadas situações: o silêncio. Ou até mesmo mostrar que os preceitos religiosos não trazem felicidade e que, ao engolir o terço, estaria se libertando dessa mentalidade ultrapassada.

⁷ Tradução: “Pare, por favor! Só me deixe ir, Alejandro! Só me deixe ir”



Figura 5

Em vários momentos a cantora é empurrada pelos homens (lê-se aqui os homossexuais) e jogada para cima (Figura 6) como se eles estivessem abolindo todos os preconceitos intrínsecos na sociedade; libertando-se, por conseguinte, de um pensamento conservador e obsoleto. Lady Gaga, nesse momento, parece ser a peça-chave que ligará os homossexuais ao seus ideais.



Figura 6

É por haver uma quantidade incomensurável de sentidos que se torna difícil precisar o que será perceptível para os espectadores. Não saber que determinados objetos e símbolos são ofensivos à Igreja Católica ou que movimentos coreográficos fazem alusão a algo, pode tornar a crítica irrelevante e sem valor.

O problema não é simples, pois uma mensagem nunca produz automaticamente um efeito. Todo discurso desenha, ao contrário, um campo de efeitos de sentido e não um e único efeito. A relação entre produção e recepção (prefiro chamar esta última de reconhecimento) é complexa: *nada de causalidade linear no universo do sentido*. Ao mesmo tempo, um discurso dado não produz um efeito qualquer. A questão dos efeitos é, portanto, incontornável. (VERON, 2005, p.216, grifo do autor)

Destarte, não é certeza que toda estratégia construída será bem sucedida. Não podemos, sequer, afirmar que Lady Gaga conseguirá enviar todas as mensagens formuladas aos seus destinatários, justamente por não saber precisar quem a ouve.

DISCURSO HOMOSSEXUAL

Antes de mencionarmos o discurso homossexual existente no clipe, é destacável que este só vem a aparecer depois que os dois últimos já tenham servido de base. Assim, o discurso apologético sobre a homossexualidade só surge nos minutos finais do vídeo, quando o clipe já está devidamente preparado para ser passível de entendimento.

Lady Gaga, ao assumir sua bissexualidade em público e de ter tido a ajuda dos homossexuais para chegar à fama, acabou por instituir quase sempre um discurso em favor do gays, tanto como agradecimento quanto para reafirmar sua orientação sexual. Por isso, o discurso apologético usado pela cantora nada mais é que a repetição de toda uma ideologia ou instituição que está por trás.

Ao analisar um discurso – mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual –, não estamos diante da manifestação de *um* sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem. (FISHER, 2001)

A ideologia do discurso homossexual no videoclipe gira em torno da liberdade de ser o que é. Os discursos militar e religioso são mostrados como fios condutores da moral na nossa sociedade e o discurso pró-GLBT aparece para quebrar esse paradigma.

As cenas que mostram os soldados, representantes da homossexualidade, ilustram-nos como submissos à Lady Gaga, que, na maioria das cenas, é a própria representação dos discursos assistenciais citados acima.

Em uma cena que é exibida no momento do refrão, soldados dançam e jogam uns aos outros no chão (Figura 7), soltando gemidos em seguida. Além de insinuar relações sexuais, os gemidos demonstram o quanto os homossexuais são impedidos de demonstrar sua conduta sexual.



Figura 7



Figura 8

Outra cena interessante é a quando Lady Gaga está em uma cama com um soldado dançarino fazendo uma coreografia sensual (Figura 8). Nessa parte, a cantora insinua relações sexuais com o dançarino e, como aparece anteriormente no clipe, ela está no papel de dominadora. Vale destacar que essa estratégia enunciativa demonstra não só como a moral da sociedade domina os gays, mas também como muitos deles são obrigados a se comportar como heterossexuais mantendo, portanto, relacionamentos “afetivos” com mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que um produto da indústria cultural, os clipes de Lady Gaga trazem uma carga de significados enorme. Sempre há um porquê para utilizar determinados discursos. Sejam eles como forma de agradecimento aos que lhe puseram na mídia ou para saciar suas vontades de explicitar assuntos delicados da sociedade. O jeito polêmico da cantora vai muito além do uso de roupas extravagantes, de cabelos bizarros ou de flagras em

momentos indiscretos. A letra de suas músicas (muitas das quais ela mesma compõe), o modo como canta, o jeito como se apresenta em seus shows constroem formas de enunciação peculiares, e são essas formas que a tornam polêmica.

Dentro dessas perspectivas, a Semiologia da "Terceira Geração" de Eliseo Verón (2005) é interessante para justificar que os discursos presentes no clipe *Alejandro* desenham um campo de efeitos de sentido que só podem ser entendidos ao analisar desde a fase de produção do clipe, até as possíveis formas de recepção do público-alvo.

Todos os figurinos, cenários, modelos, bailarinos contribuíram para dar uma vertente à enunciação central do vídeo. Isso mostra que discurso não se dá somente pela letra da música. O conjunto de artifícios utilizados colabora para a finalização e para o direcionamento do videoclipe que foi modelado a partir de mensagens críticas.

As inusitadas *modalidades de dizer* (VERÓN, 2005) produzidas pela cantora são estratégias para chamar atenção e para convidar, talvez, a quem lhe ouve a fazer uma reflexão sobre como caminha a sociedade ou para qual caminho esta está direcionando determinados assuntos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Pessoa e FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade:** Em torno de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

FISHER, Rosa Maria, **Foucault e a análise do discurso em educação.** São Paulo: Cadernos de Pesquisa, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300009&script=sci_arttext#nt02>. Acesso em 14 jul.2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, Sujeito e O Trabalho da Escrita.** 1994. Publicação do Curso de Pós Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa v. 8, n. 1, p. 27-41 - Araraquara: Unesp, 1994

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias.** São Paulo: Experimento, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** Rio Grande do Sul: Unisinos, 2005.